

## AS MANEIRAS DE COMBATE NA LUSITÂNIA

POR

José Angel Fernández Canosa (\*)

O propósito deste trabalho nom é estudar a guerra dos lusitanos como estratégia de guerra nem como acontecimentos pontuais, menos ainda o estudar os lugares onde tiveram lugar tal ou cal feito bélico (batalha, saque...). Mais ben o interesse que me move se desenvolve noutro terreno distinto a essa História que os franceses chamam «évenementielle». Esse terreno no que pretendo entrar é umha terra que é de todos e de ninguém, umha terra fronteira que define por oposiçom à Antropologia e à História, mas que na sua ambiguidade as define por integraçom tamém. Nessa intersecçom de História e Antropologia é na que pretendo que nos situemos para botar umha olhada sobre os lusitanos e as maneiras de combate. Contemplaremos, entom, um povo com olhos de antropólogo. Veremos aos lusitanos com o olhar do civilizado que mira ao selvage, conscientes, porém, de que civilizado e selvage som conceitos interessados com os que na nossa pretendida objectividade científica obsequiamos aos outros povos dentro dum discurso denigratório etnográficamente ordenado ou bem, as menos das vezes, para utilizá-los como paradigmas positivos.

Cada sociedade possui o tipo de guerra que lhe é característico. A proporçom dos seus membros, os seus recursos e as suas necessidades imponhem um tipo de guerra diferente. Por assi dizer, a guerra, a maneira de fazê-la, expressa em parte o que a sociedade é. Pense-se por exemplo na maneira na que os progressos da infantaria coincide com as instituições democráticas militares das regimes nas que, por primeira vez em Europa,

---

(\*) Faculdade de Xeografia e História. Departamento de História Antiga. Universidade de Santiago de Compostela.

surge o princípio democrático <sup>(1)</sup>. Aliás, a guerra é um aspecto importante dumha cultura.

O tipo de guerra que observamos como mais característico dos lusitanos é um tipo de guerra conhecido polo nome de *razzia*. J. Harmand <sup>(2)</sup> define a *razzia* como «incursum de duração limitada que umha força realiza em território estrangeiro, sem acompanhamento de nom-combatentes, com o elementar propósito de se levar um botim e com o mais sistemático de destruir os recursos do meio escolhido.» É umha forma de actividade guerreira que serve para empresas elementares de vingança ou rapina. Aliás, é necessário salientar que tal actividade guerreira non compromete a toda a sociedade, isto é, à sociedade da que fai parte o grupo de guerreiros, convertendo-se como di Y. Garlan <sup>(3)</sup> numha guerra privada que se estabelece à margem da sociedade da cal surge o guerreiro tal como acontecia no mundo homérico ou como ocorria con as guerras empreendidas polos Dácios romanos. Por suposto que tampouco é tam à marge da sociedade. É-o só num certo aspecto. A sociedade nom tem de encostar a actividade guerreira individualizada, nom tem de encostar tal ou cal *razzia*, mas si encosta os guerreiros que a executam. É polo demais um tipo de operação bélica que denota com muita freqüência umha «sociedade com guerreiros», tal como a define Pierre Clastres <sup>(4)</sup>, na que nom todos os homens em situação de portar armas fam parte destas expedições senom só um grupo concreto destes que se dedica constantemente à guerra, um grupo social de guerreiros profissionais que possui umha certa autonomia a respeito da sociedade na que residem.

A *razzia* como maneira de combate nom foi só utilizada na Península Ibérica polos lusitanos. Assi nas fontes literárias descreven-se-nos a todos os povos da Península praticando a *razzia*.

É interessante determo-nos por uns momentos nas operações dos Pés Pretos da América do Norte por oferecer-nos um paralelo etnográfico bastante interessante ao ser bastante bem conhecida a forma na que eles praticam a guerra. De todas as maneiras, hai que advertir que a utilização de paralelos etnográficos tem uns limites que devem ser impostos pola prudência. Portanto a comparação deverá ser levada até o ponto no que é possível fazê-lo.

---

(1) Roger Callois, *La cuesta de la guerra*, México, 1975 (*Bellone ou la pente de la guerre*, Paris, 1963) mostra claramente como se vinculam a guerra e os diferentes tipos de sociedades e sistemas político-sociais.

(2) *La guerra antigua de Summer a Roma*, Madrid, 1976 (Paris, s.d.), p. 24.

(3) *La guerre dans l'Antiquité*, Paris, 1972, p. 12.

(4) *Investigaciones en Antropología Política*, Barcelona, 1981 (Paris, 1980), pp. 221-222.

Os Pés Pretos tinham dous tipos de razzia segundo os objectivos que quixerem obter. As suas razzias tinham como objectivo quer o roubo de cavalos quer a obtençom de *scalps*. As expediçons para obter cavalos estavam formadas por pequenas partidas de voluntários que se formavam antes de partir e que se desfaziam trás a volta. Os fins eram o ganho pessoal e o prestígio que atingiam com os cavalos colhidos. Faziam parte destas expediçons membros de famílias pobres com ambiçons, jovens que queriam ter umha dote para casar e tamém jovens ricos com desejos de glória e prestígio <sup>(5)</sup>. O xefe da banda era um home que polo seu bom historial guerreiro e reputado bom júizo tivesse a confiança dos membros desta. Antes de saírem tinham que obter o consentimento do xefe da aldeia, mas se havia motivos para supor que nom o ia conceder nom se lhe dizia nada.

Algo semelhante é o que Diodro Sírculo atribuiu à formaçom de bandas de guerreiros entre os lusitanos e os íberos:

«Existe um costume mui próprio dos íberos, mas sobretudo dos lusitanos, que é que cando chegam a serem homes, aqueles que entre eles som os que tenhem menos fortuna, mas salientam pola força do seu corpo e polo seu denodo, fornecem-se de valor e apanham as suas armas juntando-se nas zonas esgrêvias dos montes; ali fam bandas importantes que percorrem Iberia amontoando riquezas com o roubo.»<sup>(6)</sup>

(Diod., 5, 34, 6)

A diferença que encontramos entre os Pés Pretos e os guerreiros dos que nos fala Diodoro é que estes últimos nom se organizam em bandas dentro da própria aldeia senóm que se arredam da unidade política desde o ponto de vista do espaço geográfico. Tamém se diferenciam em que as bandas dos Pés Pretos som efémeras, duram o tempo que exige organizar e executar a expediçom e nada mais, mentres no caso que nos interessa parece que foram muito mais estáveis. Contodo, tampouco é possível generalizar tal cousa para todos os povos da Península. Por exemplo os astapenses nom tinham um grupo de guerreiros arredados geográficamente da unidade política.

---

<sup>(5)</sup> Toda a documentaçom sobre a maneira dos Pés Pretos de fazer a guerra foi recolhida de J. C. Ewers no seu artigo «Blackfoot raiding for horses and scalps» em P. Bohannon, *Law and Warfare. Studies in the Anthropology of Conflict*, Nova York, 1967, pp. 327-343.

<sup>(6)</sup> Traduçom do autor.

Seja como for, a diferença entre os Pés Pretos e os lusitanos nom é tanta se pensamos que a relação que mantinham coa comunidade cando saíam de partida para o roubo de cavalos era distinta da que havia cando a caça de *scalps*, que se concebia como umha empresa na que toda a aldeia participava. Isto tinha o seu reflexo no ritual. No caso da expedição de rapina os envoltos no ritual eram unicamente os achegados e os familiares daqueles que iam participar nela mentres que na caça dos *scalps* era toda a aldeia a que participava, expressando desta maneira a solidariedade de toda a aldeia (7).

De calquer maneira, tanto nas partidas dos Pés Pretos como nas dos lusitanos, os que fam parte dessas bandas de guerreiros son sectores pobres da população junto com sectores que recorrem à actividade guerreira como forma de alcançar glória e prestígio social. Seja cal for o jeito como se foque o tema, o que é indiscutível é que as bandas de guerreiros que se dedicam à *razzia*, cais as lusitanas, vam pola glória e o prestígio social que dá a guerra e, portanto, nom se pode restringir o assunto a um fenómeno puramente económico motivado em causas económicas e sociais de índole estrutural (8).

E dizemos isto porque a tendência a reduzir todo o tema das bandas de guerreiros lusitanos, da bandidagem, a um problemas de estruturas económicas tergiversa o fenómeno até fazer disto algo falso (9).

O Professor L. A. García Moreno (10) pensa que a ideia dum Viriato carente de recursos nun meio ecológico pobre é um elemento do discurso antropológico cínico originado em Posidónio e reiterado pola historiografia greco-romana. Esta ideia da pobreza de Viriato e das bandas lusitanas em geral seria retomada em época contemporânea por A. Schulten e pola

(7) J. C. Ewers, *op. cit.*, pp. 331-338.

(8) Como exemplo exagerado desta tendência o livro de M. Harris *Vacas, cerdos, guerras y brujas. Los enigmas de la cultura*, Madrid, 1980 (1.ª ed. em inglês 1974) onde a guerra é um reflexo mais dessa sociedade humana que nas teorias deste senhor se compom de gentes movidas exclusivamente pola caçaria de vitaminas, proteínas, calorías, etc.

(9) Esta linha de falseamento do fenómeno guerreiro entre os lusitanos vid. García y Bellido «Bandas y guerrillas en las luchas con Roma» em A. M. Prieto Arciniaga, *Conflictos y estructuras sociales en la Hispania Antigua*, Madrid, 1977, pp. 13-60. Tamém pode encontrar-se este trabalho em *Hispania*, t. V, n.º 21, Madrid, 1945. Este trabalho, sendo bastante interessante, falha nos pressupostos teóricos e o autor é enganado pola visom legada por A. Schulten à que fazemos referência neste artigo.

(10) Comunicação ao *I Congreso de Historia Antiga Peninsular* celebrado em Santiago de Compostela em Julho de 1986 (em imprensa).

influência deste difundida entre os historiadores da Antiguidade. A. Schulten incidiu mais no tipo do deserdado que carente de recursos se converte em bandido ao localizar a «pátria» de Viriato na Serra da Estrela, exemplo e paradigma em Schulten da terra pobre. Esta localização da pátria de Viriato nesta Serra da Estrela exageraria muito mais a ideia da pobreza de recursos como factor desencadeante da bandidagem lusitana. Mas como amostra o Dr. García Moreno este detalhe é falso pois que a localização de Viriato num âmbito espacial deveria fazer-se na Turdetânia ou a Serra Morena, zonas nas que a pobreza nom é o que as caracterizaria.

No seu estudo o Dr. García Moreno conclui que nom é fácil calcular canto desta descripçom sobre Viriato é certo e canto é falso, mas que o que si seria evidente é que nas descripçons que Posidónio oferece a figura de Viriato está mediatizada polo discurso cínico. Isto, aliás, seria muito mais suspeito polo feito de que se relata que Viriato em Ituci conta umha anécdota que corresponde a umha diatriba cínica que se acha no *Corpus Aesopicum* <sup>(11)</sup>. Isto, pois, avondaria na ideia de que o que se nos relata e descreve é o tipo de Pastor-Rei próprio do Pensamento Cínico.

Contodo o discutível que poda ser a teoria aqui exposta, sobretudo alguns dos seus pontos, o que si é evidente é a deformaçom que sofre a descripçom que se nos oferece. O feito de que as bandas lusitanas pretendessem botim nas suas empresas guerreiras nom deve fazer supor que estamos diante duns mortos de fome que se dedicam à actividade guerreira por ser a única maneira de fugirem a umha vida de miséria. Trás o feito de combater para obter um botim existe toda a glória do guerreiro vitorioso e, tamém, combatem os que nom som simplesmente os deserdados. O botim move ao guerreiro entre outras cousas pola glória que com el atinge. A ideologia que exalta o *ethos* guerreiro nom é cousa de pouca importância. Diodoro de Sicília relata que na boda de Viriato havia muitos objectos de luxo e que éste encostando-se na lança mostrou desprezo por todas estas riquezas dizendo que todos os bens do seu sogro nada valiam pois estavam à mercê de calquer que tivesse armas como el <sup>(12)</sup>. Poucas escenas

---

<sup>(11)</sup> A anédocta que é posta na boca de Viriato é decerto umha fábula esópica como já fora asinalado por J. C. Bermejo Barrera («La calvicie de la luna: Diodoro Sículo XXXIII, 7, 5 y la posible existência de un nuevo mito turdetano», *Gerión*, 2, 1984. Madrid). O *Corpus Aesopicum* está composto de fábulas velhas e de agregaçons posteriores feitas em diversas épocas polo que resulta mui difícil saber com certeza se este relato era simplesmente umha fábula cínica ou nom. Aliás, como di J. C. Bermejo, pode ser realmente um mito indo-europeu ainda que cabe a possibilidade de que só for umha fábula trasplantada.

<sup>(12)</sup> DIOD., 33, 7, 1.

pode haver nas que melhor se reflecta o orgulho com o que um guerreiro se vê a si próprio. O Viriato que aqui temos nom é um deserdado, é um guerreiro que tem trás si umha concepçom altamente estimativa da sua actividade. Diom Cásio <sup>(13)</sup> tamém incide nesta ideia cando expom que a actividade guerreira de Viriato havia que atribui-la ao amor deste pola guerra e nom ao dinheiro ou riquezas que coa guerra pudesse alcançar.

Trás vemos os móveis que compeliã aos «bandidos» lusitanos à guerra, que como já ficou apontado eram fundamentalmente os resultados dumha sociedade na que se exalta o *ethos* guerreiro com todo o halo de conceitos que, como o prestígio e glória, acompanham a este *ethos*, é necessário que vejamos como combatiam estes «bandidos».

Os lusitanos praticam um tipo de combate que evita todo encontro aberto. Preparam emboscadas e ciladas, tenhem umha grande mobilidade e som astutos. Moram nas montanhas nas que tenhem o seu território de combate mais adoito. Para vê-los directamente na açom recorreremos a umha descripçom que nos deixou Apiano (*Iber.*, 67):

«E Viriato, com seis mil homes, fazendo umha grande celeúma e estrondo, levando grandes guedelhas, como acostumam fazer os bárbaros nas batalhas, abalando-as para estarrecer aos inimigos...» <sup>(14)</sup>

Acompanha pois Viriato o seu combate com umha grande confusom e celeúma abalando as guedelhas para causar temor ao inimigo. Na verdade todo isto é mui conhecido no mundo indo-europeu ainda que, contodo, tampouco é exclusivo deste. Nom obstante, mália a inespecificidade de tal guerreiro, deverá ser neste mundo onde devamos estabelecer os possíveis contactos.

Resumiremos agora as características vistas até aqui.

— É um tipo de guerreiro afastado dos órgaos políticos e que mora na montanha.

— É um combatente profissional.

— Caracteriza o seu combate pola cilada, a astúcia e o combate é com ardides.

— O terror fai parte da sua táctica e, conseqüentemente, adopta umha apariência conveniente para o causar.

Todas estas características remem-nos a um tipo de guerreiro indo-europeu que por exemplo na Grécia oporá-se ao combate hoplítico e cidadán. O combate hoplítico é um combate leal e ordenado, um combate

<sup>(13)</sup> DION CASIO, fr. 73.

<sup>(14)</sup> Traduçom do autor.

cidadán que age no seio da cidade em completa dependência dos órgaos políticos. O combatente arcaico, contrariamente ao combatente hoplítico, caracteriza-se por ser um guerreiro profissional em constante tensom cos depositantes da funçom de soberania, o cal é, na esfera do mitológico, umha constante nom só em Grécia senom no conjunto do mundo indo-europeu.

O combatente lusitano está afastado da organizaçom política e mora na montanha. Quer dizer, está na margem geográfica e na política. Mas junto a isto temo-lo ao mesmo tempo defendendo cidades <sup>(15)</sup>. Isto con corda bem com a descripçom que foi M. Detienne verbo do papel do guerreiro arcaico na Grécia:

*...os guerreiros míticos estão marcados por um estatuto fundamentalmente ambíguo. No corpo social ocupam um lugar privilegiado, à vez central e marginal. Central em tanto que incarnam todo um conjunto de valores essenciais à sociedade, na medida também na que detenta a força que sustenta o poder real e protege o conjunto da sua sociedade. Marginal porque os guerreiros estão consagrados por natureza funcional ao assassinato, à violência, à morte, em contradicçom com os valores vitais do corpo social; porque constituem um perigo permanente para o poder real, umha ameaça para a sociedade <sup>(16)</sup>.*

Mas mentres compartem as bandas lusitanas um conceito arcaico de guerra caracterizado pola mobilidade, os ardides, o terror imposto no combate por meio de berros, de manifestaçoms de furor... também possui características de lealdade e orde, relacionando-se coas cidades defendendo-as <sup>(17)</sup> e sendo ajudado por estas <sup>(18)</sup>, o que nos achegaria a esse outro tipo de combate que já asinalámos para Grécia, isto é, o combate hoplítico. Nom é estranho entre os lusitanos a conjunçom de ambos tipos de combate pois os indo-europeus conhecerom a funçom guerreira sob um dobre aspecto. Por um lado temos um combate ordenado que um dia chegaria a ser a falange e a legiom, polo outro o da desorde e a fazanha individual que é esse que chamamos arcaico <sup>(19)</sup>.

<sup>(15)</sup> APIANO, *Iber.*, 65.

<sup>(16)</sup> M. Detienne, «La phalange: problèmes et controverses» em J.-P. Vernant, *Problèmes de la guerre en Grèce ancienne*, Paris, 1968, p. 125.

<sup>(17)</sup> APIANO, *Iber.*, 65.

<sup>(18)</sup> APIANO, *Iber.*, 67-69.

<sup>(19)</sup> P. Vidal-Naquet, *Formas de pensamiento y sociedad en el mundo griego, El cazador negro*. Barcelona, 1983 (Paris, 1981), p. 157.

Confusom, celeúma e terror é algo que recorda muito a Ares, deus que sendo-o da guerra nom é de calquer guerra. É Ares um guerreiro que combate individualmente, dumha maneira feroz e selvagem, berrando no combate. Tem nesses momentos umha semelhanza horrível, a um animal, e a sua mirada é insuportável, o que será umha característica dos guerreiros ou deuses funcionalmente guerreiros na mitologia indo-europea. Ares possui umha série de filhos que som todos guerreiros e guerreiros selvagens e terríveis (20). Som éstas figuras guerreiras que irám perdendo importância polas mudanças sociais e militares que irám progressivamente convertendo este tipo de guerreiro no hoplita que conhecemos na época clássica vinculado à *polis* (21).

Notemos que o furor bélico e o terror paralizante infundido ao inimigo fam parte dos caracteres fundamentais do deus Ares, mas também de muitos herois e deuses da mitologia indo-europeia associados à função guerreira; e isto é assi porque os indo-europeus concebiam a guerra como umha concorrência e ao mesmo tempo umha colaboração do furor demencial e da magia paralizante (22). O mesmo é o que podemos ver polos testemunhos que temos sobre os lusitanos.

Ora bem, estas descrições que temos das maneiras de combate nom som nem ingénuas nem imparciais. Em todas as descrições que se nos fam sobre a maneira de combater dos povos bárbaros pola literatura grega e romana hai sempre umha série de tópicos que se repitem constantemente.

Toda a literatura grega e romana está permeada por umha série de conceitos sobre os bárbaros (23). O bárbaro tem entre outras cousas atribuída a *ferocia* e a sua aplicação à guerra que é o *furor belli*. A *ferocia* aparece como ánimo de poder incontrolado que se converte em vontade de poder e de dominação, em anarquia destrutora, em desmesura (24). As suas manifestações essenciais som a latria da força, a violência, o comportamento paixonai, a fereza e o individualismo. A vontade de poder expressa-se como orgulho, insolência, confiança em si próprio. A *ferocia* revestirá as seguintes

(20) F. Vian, «La fonction guerrière dans la mythologie grecque» en J.-P. Vernant, *op. cit.*, p. 54.

(21) F. Vian, *op. cit.*, pp. 64-68.

(22) F. Le Roux, «Aspects de la fonction guerrière chez les Celtes», *Ogam* XVII (1965), pp. 182 ss.

(23) Vid. para as distorções provocadas polo pensamento sobre os bárbaros em diferentes aspectos das descrições gregas e romanas dos povos da Península Ibérica os dous livros de J. C. Bermejo Barrera *Mitología y Mitos de la Hispania prerromana I*, Madrid, 1982 e *Mitología y mitos de la Hispania prerromana II*, Madrid, 1986.

(24) Y. A. Dauge, *Le Barbare, Recherches sur la conception romaine de la barbarie et de la civilisation*. Bruxelas, 1981, p. 429.

formas: desencadeamento da agressividade, furor no ataque e no combate, desenvolvimento paroxístico da violência e frenesi de liberdade <sup>(25)</sup>.

O *furor belli* no pensamento romano caracterizará também o mundo bárbaro. As causas disto som, no pensamento romano, numerosas, cal a paixom pola independência, superabundância da populaçom, a própria energia dos povos duros e primitivos. Mas, sobretudo, o *furor belli* tem como causa fundamental a inaptitude radical do bárbaro para a paz <sup>(26)</sup>.

Nom sorprende, portanto, que a literatura romana, como também a grega, descreva às vezes umhas escenas de delirante desmesura. De calquer maneira, a ideologia nom se construi desde falsidade necessariamente. As realidades que contam nom tenhem porque ser sistematicamente falsas, os dados que se nos oferecem podem ser verdadeiros. A falsidade entra sobretudo na análise que fam desses povos, nom necessariamente nos dados.

Cal é em resumo a maneira de combate dos lusitanos? Segundo as fontes literárias gregas e romanas os lusitanos formavam bandas de guerreiros que praticavam um tipo de combate caracterizado por estar em parte arredado da comunidade política, praticavam ardides, ciladas e todo isso acompanhado dumha grande celeúma para provocar o pánico. Isto remete-nos, como já dixemos, a um tipo de combate e a um conceito da guerra mui conhecido no âmbito indo-europeu. É a concepçom da guerra como tarefa dum grupo de guerreiros profissionais que se resolve nom só por meio das armas senom também pola concorrência e colaboraçom do furor e da mágia paralisante. Polo demais a descipçom que dos lusitanos em combate se nos oferece corresponde aos tópicos que sobre o bárbaro abundam no pensamento romano e grego, se bem os dados que nos dam nom tenhem porque ser falsos tanto mais canto que reflectem o mesmo tipo de combate que encontramos na mitologia e na epopeia indo-europeia.

Santiago de Compostela, Abril de 1987

#### RESUMO

Os bandos de guerreiros lusitanos, como os de Viriato (estudados, neste trabalho, a partir dos testemunhos da historiografia greco-latina, e indo para além desta), são bandos de guerreiros profissionais, como os que caracterizam muitas das sociedades

---

<sup>(25)</sup> Y. A. Dauge, *op. cit.*, p. 430.

<sup>(26)</sup> Y. A. Dauge, *op. cit.*, p. 430.

antigas. O tipo de actividade guerreira remete-nos para um combatente característico do mundo indo-europeu, com o qual, evidentemente, se relaciona através dos seus modos de combate.

#### SUMMARY

The bands of warriors of Lusitania, as much as Viriato's warriors, which were studied from the evidence left by the Greek-Latin historiography and beyond its clichés, were professional warriors like those characterizing many of the ancient societies. The type of activities used in combat, resemble the typical warrior of the Indo-European world, with whom they are, of course, identified through common fighting methods.